Raphael Bordallo Pinheiro

ALBUM DE CARICATURAS

PHRASES E ANEXINS DA LINGUA PORTUGUEZA

COM UM PREFACIO POR

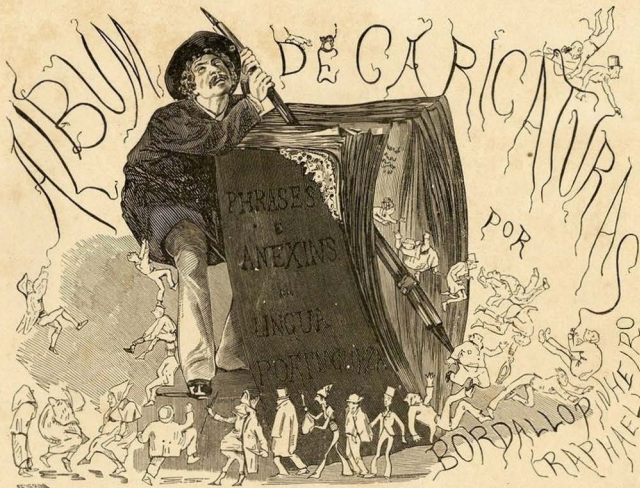
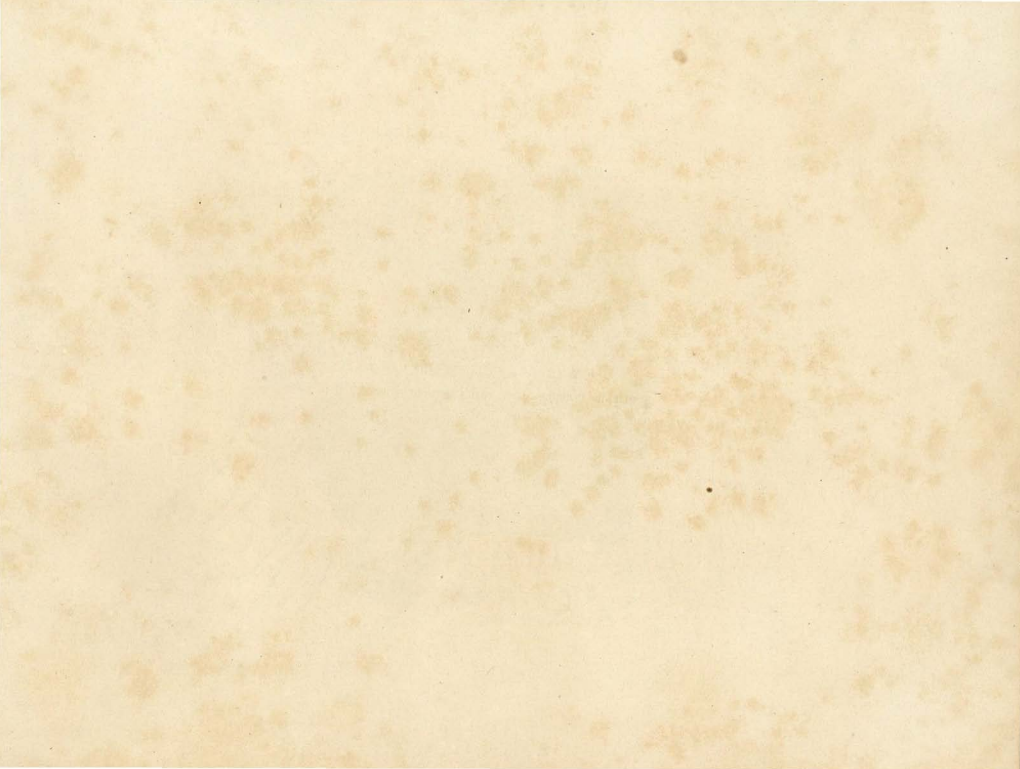
JULIO CEZAR MACHADO

LISBOA
Typographia Editora de Mattos Moreira & C.ª
67 — Praça de D. Pedro — 67
1876

ALBUM DE CARICATURAS

POR

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

PHRASES E ANEXINS DA LINGUA PORTUGUEZA

FLORES ROMANTICAS

PREFACIO

Dizia elle, que a sua patria era a rua de S. José, n.º 47 (hoje 33); estamos felizmente n'um paiz em que isto se póde escrever para o publico sem receio que o senhorio do predio augmente a renda aos actuaes inquilinos para fazer valer a prenda gloriosa de haver nascido alli o talentoso artista. O predio continuará a valer o mesmo; talvez até o senhorio embirre de haver estado a fazer uma casa para lhe nascerem artistas n'ella! Mais valera malvas á porta!...

Em todo o caso, que o senhorio estime, que não estime, que o predio fique valendo o mesmo, que valha mais, que valha menos, o certo é que Raphael Bordallo Pinheiro alli é que nasceu.

Seu pae, á força de desgostos adquiridos na vida artistica, em que o seu nome conseguiu todavia sobresair como o de um homem de merecimento e de bom caracter, não queria por nenhum modo que elle se dedicasse á mesma carreira, para a qual aliás o moço sentia irresistivel vocação.

— Ha de ser outra cousa!

— Que outra cousa, meu pae? Eu não sirvo senão para artista!

— Mas ser artista, aqui, não serve para cousa nenhuma!

— E então?

— E então, é preciso estudares, a ver se te faço advogado como teu avô, como teu tio...

Esse tio era um homem de talento; um original, um excentrico; muito phantasista, muito poeta, muito philosopho: advogado é que elle não era muito, por não querer dar-se a isso, ou porque o seu temperamento o não levasse para essa vida em que é preciso estar sempre disposto por igual a absolver e a condemnar, o que ainda assim é favor, porque podiam estar dispostos apenas a condemnar sempre, como aquelle juiz a quem dizia o outro:

— Vejo, sr. juiz, que o ideal de v. s.ª seria condemnar ambas as partes!

Apesar das determinações paternas, Raphael Bordallo continuou sempre desenhando tudo que lhe apparecia: e em 1857, pequenote ainda, estando em Cacilhas, fugido da febre amarella com sua familia, pintou um quadrito a oleo, que existe hoje no Alemtejo, em casa de uma tia sua, cópia — o quadro, não é a tia — de uma lithographia representando uma familia de camponezes á espera de um filho ausente, todos sentados á beira-mar; composição em que se notou desde logo sentimento e gosto...

Continuava no Lyceu das Merceeiras o estudo de preparatorios, mas com má vontade, ou, pelo menos, sem que possamos dizer que consagrava aos compendios aquelle entranhado amor que os pro-

fessores e outras pessoas doutas asseguram dever existir em peitos juvenis como primeira virtude e principal riqueza.

Mas n'essa occasião — vejam como o demonio as arma! — um primo, hoje cunhado d'elle, muito enthusiasta por theatros, entrou para uma sociedade dramatica que existia na travessa do Forno, aos Anjos, com o titulo de

THEATRO GARRETT

Raphael Bordallo sentiu n'essa hora estremecer o Lyceu...

— Primo, disse elle ao sr. Prostes, tu não sabes talvez uma cousa?

— Que cousa é?

— Que eu tenho contido em mim uma paixão...

— Uma paixão!

— Uma paixão.

— Essa agora!

— E que não posso mais refreal-a, sem succumbir á tristeza irremediavel de ser o mais infeliz dos homens. Prostes, deixa-me cair em teus braços...

— Mas não é a mim que tu amas?

— Não; socega. Vou dizer-te tudo. Eu não como, eu não bebo, eu não estudo, eu não sonho senão theatros! Theatros são a minha aspiração, são o meu bem! O que é necessario para poder entrar para essa sociedade theatral?

— Pagar a quota de cinco tostões mensaes.

— Como és feliz! Teu pae póde dispor de mais alguns meios do que o meu, porque disfructas a pechinxa de ser filho unico e fazem-te todas as vontades; ao passo que nós somos muitos, e não me atrevo a sobrecarregar meu pae com despezas novas para me divertir...

Os dois rapazitos conversaram sempre, desde esse dia, do andamento das cousas do Theatro Garrett. O primo contava-lhe maravilhas do que por lá se passava, e elle devorava-se em desejos de ver alguma vez aquelles ensaios e viver com aquella gente.

Chegou um dia em que a Sociedade Garrett quiz fazer obras no theatro; Raphael Bordallo soube d'isto e offereceu-se para fazer as pastas para a galeria e doirar tudo.

É inutil dizer-se que essa proposta foi acceite com especial agrado.

— És admittido a trabalhar de graça! disse-lhe o primo.

— Ó meu Deus, eu t'o agradeço! exclamou Raphael no tom das vehementes declamações do Tasso, que era o especialista d'essas berratas enthusiasticas.

Elle nunca havia modelado, nem doirado, nem empastado, em dias de sua vida: aprendeu comsigo e com algumas lições do pae, e começou o trabalho impando de alegria

Pendurado n'um andaime assistia em extase aos ensaios.

Todo o seu desejo era representar e ser applaudido.

Tinha quatorze annos então; era todo elle fé, esperança, vida...

Parece que saiu bem do trabalho; e a direcção nomeou-o socio de merito.

— O que! disse elle. Pois eu poderei representar, pois eu vou representar!? Ensurdece, Archimedes: vou gritar *Eureka* mais rijo do que tu e do que o mundo, que tem quebrado o bicho do ouvido á gente a repetir o teu dito! Á farça, vamos á farça, á farça e ávante!...

Elle estimava a farça acima de tudo, e o homem que mais o fizesse rir com uma composição de theatro era para elle o primeiro homem do mundo.

Havia um n'essa epocha em Lisboa, que fez rir por immenso tempo este excellente publico da capital, e que, n'um ramo até então ignorado das bellas lettras, — o cartaz de toiros, — logrou fazer

obras immortaes, o nosso bom, o nosso chistoso Xavier, que representava para Raphael Bordallo mais que um litterato, — uma litteratura.

Não tenho á vista nenhum dos seus famosos programmas das toiradas, nem poderia citar de memoria aquellas quadras engenhosas e engraçadissimas que a reminiscencia do leitor, mais fiel talvez que a minha, recorda provavelmente. O que sei porém, e o de que todos nos lembramos, é que aos sabbados saía gente á rua em chinellas para apanhar do avisador do bando um d'esses programmas em que a festa do domingo immediato vinha apregoada em verso.

No theatro, porque a veia graciosa de Xavier não parava simplesmente nas esquinas e desceu muitas vezes do cartaz ao tablado, refinava-lhe o chiste na gorda farçalhada com que entreteve os portuguezes por uns poucos de annos, *Os parentes Bacalhaus, O morgado da Ventoza, A velhice namorada, etc.! etc.!* Nunca a nossa gente fez tanta despeza de gargalhada, nem absorveu ainda tamanha porção de alegria. Nos camarotes, na platea, nas varandas, não se ouvia dizer outra cousa senão: E Jesus, que Xavier! que graça de homem! que estalar de riso! que torrentes de pilheria! que Xavier este!

Bordallo Pinheiro via n'elle o theatro por excellencia, e dispensaria sem difficuldade os gregos, o Moliere, e o Victor Hugo, com tanto que lhe deixassem este auctor... A *Orestiada* não se lhe figu-

rava de tanta elevação; os velhos deplorando a ausencia de seus filhos, que havia dez annos andavam na guerra, não eram tão *velhice* como a *namorada;* Agamemnon não fazia uma entrada tão triumphal como o Paixão: Cassandra, filha de Priamo, não chegava a ser tão interessante como a Jacinthinha...

Jacinthinha já saiu!
De certo algum torto
Hoje me viu!

De mais a mais não estudára apenas no theatro esse auctor de sua predilecção; lera-o impresso: impresso, o que n'esse tempo ainda era uma tafularia!

Xavier tinha escripto primeiro outras obras; fôra com seu irmão, redactor do antigo jornal *O Ramalhete*, e só depois compozera varios entremezes de que o mais popular foi sempre o tal em que o Taborda representava de fiel de feitos e cantava

Faça calma, faça frio,
Ando sempre em corropio
Com o protocollo na mão!

Mas a estima publica não o bafejou carinhosamente, completamente, senão quando elle largou o jornal e as peças para se ir todo aos cartazes. Pois que! Tinha muita graça, fazia quadras chistosis-

simas, de sabor popular, e por vezes de grande malicia critica: e, principalmente, com o ir-se ao cartaz deu de algum modo baixa de litterato, e isso agradou e quadrou muito ao sentimento nacional. Uma antiga salchicheira gordá, que existia na rua do Ouro, gostava em tanta maneira de ler os seus programmas de touros, que, um dia, indo elle pela rua, largou a abraçal-o aturdindo-o de comprimentos... Xavier, pasmado, olhava para ella de bocca aberta, sem poder atinar quem fosse aquella creatura, que não parecia talvez fidalga, mas que ia vestida com muito aceio e decencia.

— Ó senhor! se soubesse o gosto que me tem dado! Se soubesse!

E abraçava-o.

Xavier nem podia fallar.

— Olhe, quer o senhor um paio?

— Um paio!?

— Um paio, sim, que eu sou salchicheira. Venha d'ahi!

E levou-o comsigo até á loja, onde lhe deu um paio magnifico.

Desconfio que ainda nenhum outro litterato apanhou por cá uma prova de sympathia... tão incontestavel!

Por isso Raphael Bordallo o considerava tanto!

— Qual é o reportorio? perguntou elle aos directores do theatro Garrett.

— Variado, muito variado.

— Ha por cá Xavier?

— Não, d'isso não temos agora. Ha o *Conde de Paragará*...

— Fraco, fraco...

— *Lua de mel annuveada*...

— Isso que vem a ser?

— Do hespanhol: *Un bofeton ó ser dichosa!*

— Entro n'alguma?

— Em ambas.

— Qual é o melhor papel?

— De lorpa, na ultima.

— Vou-me a elle!

Foi um triumpho. Jogava de scena com o actor Bayard, que era n'esse tempo amador como elle. Esta circumstancia ainda ultimamente o enchia de ufania...

— Olha, vês aquelle Bayard? dizia-me elle uma occasião.

— Vejo.

— Representei com elle no Theatro Garrett, quando tinha quatorze annos. A gloria faz sempre abalo; ainda hoje me resinto d'isso!

Dar-se á gloria da scena, e nunca mais abrir um livro, parando os estudos no Lyceu, foi obra de um só momento. Começou a perder os annos successivamente, como pequenos sacrificios gentilmente dedicados a Thalia! Seu pae desgostou-se; mas, bem o sabem, os paes não teem nunca bastante animo, justamente quando são bons, para castigarem certos erros de que o talento dos filhos tenha a culpa. Se o rapaz fosse um mono nunca se haveria arredado das Merceeiras e do *qui*, *quae*, *quod*, mas tinha talento o bregeirote, tinha a diabolica prenda do talento, que é o que estraga tudo!

Funda-se a escola dramatica dirigida por Duarte de Sá. Raphael vae logo matricular-se. Apresenta-se aquella resolução como irrevogavel.

— Quero ser actor! Necessariamente, indispensavelmente!

Póde calcular-se a impressão que esta noticia deveria produzir. O pae, sem perder tempo, trata de o empregar na camara dos pares, e com tanta felicidade que o consegue. Raphael é nomeado, sem elle mesmo saber, em 1863; principia logo a receber 25$000 réis por mez, e tão depressa vê dinheiro diante de si não quer saber mais da arte dramatica. Divertimentos, passeios, ceias, *e viva, e viva!*

N'isto, namora-se.

O amor surge n'aquella existencia como uma claridade subita que vae illuminar tudo. Matricula-se na Academia de Bellas Artes, matricula-se no curso superior de lettras. Estuda? Não sei. Em todo o caso faz caricaturas á ponta de charuto nas paredes d'esses mesmos estabelecimentos do estado, e, os que as vêem, param, riem, vão chamar outros para rirem juntos, vão depois a elle para o abraçar...

— Magnifico!

— Tu é que fizeste isto?

— Está bem bom!

— Faze lá este, faze lá aquelle... Soberbo!

— És artista!...

E, como o côro antigo, elle principia a ouvir de todos os lados:

— Tens talento!...

Ah! grande consolação dos que quasi sempre são fadados para não terem nenhuma outra! D'essa mesma se desconfiará mais tarde: mas aos vinte annos, que doçura, que calor, que luz, que bem suavissimo e balsamico, que incitamento, que coragem dada n'essas palavras:

— Tens talento!

Não deve entretanto a gente invejal-as ao que as ouvir; o mundo, o mesmo mundo que lh'as disser, lhas fará pagar caras.

Conhece-se o amor no muito que se sacrifica; é talvez uma das differenças mais intimas que ha entre elle e a amizade: a amizade faz sacrificio de muitas cousas, o amor sacrifica-se muito a si. Por isso na hora em que Raphael Bordallo se apaixonou pela senhora com quem veio a casar, cortou logo por todo o genero de prazeres e de divertimentos que lhe tornavam a vida agradavel, e foi viver uns poucos de mezes na Outra-banda, onde essa menina estava a banhos.

Vivia como um assassino, como um malfeitor, como um homem muito facinoroso, sempre escondido, sempre disfarçado, por causa da mãe da menina, que costumava reprehendel-a asperamente quando o avistava. O primeiro amor é muito cantado, mas não lhe fazem n'isso favor nenhum, porque realmente o merece; basta ser o unico tão isento de amor proprio quanto o amor póde chegar a sel-o!

No fim de um anno d'aquella vida quasi melodramatica, pela fórma, resolveu casar-se, casar-se ou morrer.

Pede-se a noiva; mas ha recusa; elle tira-a aos patrios poderes por meio de justiça; o casamento faz-se em 13 dias; a noiva, menina gentilissima, é depositada em Cacilhas; o casamento tem logar em

Almada. Se quasi toda a gente se casa moça, muito moça, é provavelmente por ser essa a idade da audacia, da coragem, — estavam com medo que eu dissesse, das loucuras? nunca!

No dia do seu casamento fazia uma ventania que ia tudo pelos ares. Elle passeava no caes de Cacilhas, vestido como é proprio nas grandes occasiões, casaca, gravata branca, esperando pessoas de amisade que deviam ir de Lisboa...

O tempo a passar, o vento cada vez mais rijo, e elle passeando, passeando...

Já se dizia que não queria casar. Perguntava-se por elle a quem se encontrava:

— Que é do homem?

— Qual homem?!

— O noivo?

— O Bordallo?

— Sim, o Bordallo!

— Ainda não veio?

— Não. Vossê viu-o?

— E vossê?

— Quem o viu?

— É celebre!...

Veiu o padrinho por alli abaixo procural-o, e queria que elle fosse n'um burro para chegar mais depressa:

— Monte no burro, avie-se!

— Não vou, não vou; no burro, não vou! retorquiu Raphael com dignidade.

— Estamos ha que tempos na egreja á sua espera!

— Pois agora vamos; mas vamos a pé; é só mais um instante...

Escapou do burro, mas não poude fugir ao chapeu de chuva, e marchou para Almada, *en grand tenue*, de guarda-chuva aberto.

Chega emfim a S. Thiago de Almada, tranquillisa pela sua presença os animos agitados dos circumstantes, fecha o chapeu de chuva; — momentos depois, tudo está dito: casou.

Aquelle acontecimento tinha para elle todas as seducções da novidade, tinha até certo encanto phantastico; realisar o seu ideal, alcançar a escolhida do seu coração, tudo isso longe de Lisboa e podendo dizer ao padrinho como nos melodramas;

— Diante de nós o mar, ao nosso lado o mar, em redor de nós o mar!

Porque Raphael Bordallo é uma imaginação para tirar partido de tudo, não brincando como se

poderá julgar, mas a serio, extremamente a serio, com todo o enthusiasmo de um temperamento em que as tristezas, as alegrias, e as exaltações são sempre subitas, imprevistas, ardentes, febris...

Diziam-lhe á volta para Cacilhas:

— O mar está horrivel! Isto vae ser agora um pouco desagradavel...

— Qual desagradavel! E' uma viajata. E' tempo de que os portuguezes comecem a ter estimação pelo movimento, pela novidade, pelo sair da toca!

— Pois sim, mas póde a gente sair da toca n'um dia ameno.

— Nada; não senhor. Isso é desconhecer o gosto pelas viagens. As viagens exigem, para serem em termos habeis, commoções, surprezas, perigos. Entre nós ainda nem se percebe isto correntemente porque ha horror a separar-se um homem do Chiado, ou do Rocio. Os portuguezes, ainda teem medo de sair da sua rua. E querem dizer que já isto vae melhor. D'antes achava-se de alguma vez um ou outro, por casos politicos, na França ou na Inglaterra, emigrado. Agora nem isso! E não é senão pela teima de se deleitarem em viver quietos, contentando-se com o seu bairro, como o pastor de Marilia de Dirceu com o seu casal.

Estimem pois os mais a Liberdade;
Eu préso o captiveiro, sim, nem chamo
Á mão de amor impia!

....

Tambem o grande Achilles veste a saia
Tambem Alcides fia!

O vento soprava rijo...

— Como elle assovia! diziam os circumstantes segurando os chapeus.

— Deixe assoviar. E' o modo d'elle de celebrar meus louvores!

Havia uma tempestade.

Os noivos deviam partir para Belem, onde ficariam residindo.

O mar estava medonho.

Ninguem se atrevia a embarcar; quando se consultava os barqueiros, os honestos homens respondiam torcendo o barrete:

— Está picadito, o mar está picadito!

— E se formos a remos?

— Vamos metter muita agua!

— O melhor é esperar pelo vapor...

— O vapor virá só de tarde, e não atraca, provavelmente...

— Vamos embora!

Não houve remedio.

Embarcaram.

— Pois é isto, dizia Raphael no bote, continuando a sua idéa e a conversação interrompida com o padrinho. Os portuguezes são muito amigos do seu canto. Já ouvi dizer que desde os grandes navegadores, porque emfim nós tivemos grandes navegadores, — não está por isto?

— Certamente...

— Tivemos. Pois já ouvi dizer que desde elles, o primeiro portuguez que viajou foi um chamado Lopes de Mendonça.

— Bem sei.

— Conheceu?

— Não o conheci pessoalmente, mas li obras suas e vi-o muitas vezes.

— Sim, senhor. Esse homem de uma occasião resolveu sair do buraco, e todos os seus compatriotas largaram a gritar pasmados — «Que é aquillo? Elle vae viajar! O que diz elle? Viajar! E' galante! Curiosa cousa!» E o certo é que nem se entendia bem o que isso significasse. Foi preciso algum mais esperto explicar que o homem ia partir, ausentar-se: o que quer que fosse parecido com o

pôr-se a andar... Que ia para Italia, terra em que o amor, o queijo, e a musica, datam do tempo dos Tarquinios; sabia Deus para onde, emfim, por esse mundo adiante, longe d'este torrão abençoado que não póde ser vencido...

— Não está mau torrão! dizia o padrinho, embrulhando-se no toldo, em quanto a noiva ria, ria...

E Raphael continuava:

—De mais a mais o Mendonça, quando embarcou, disse que ia fazer um livro. O que? perguntaram uns para os outros. O que diz elle que vae fazer? Um livro!? Ora, não ha! Um livro de que? E ficaram assombrados de que um homem embarcasse para fazer um livro. E foi-se o homem, mar em fóra, deixando o paiz espantado de que um portuguez fosse viajar sem ser obrigado a isso! Ora bem: que elle embarcasse para escrever uma obra, ou que o celebre João Baptista de Andrade escrevesse outra, e lhe chamasse, se a memoria me não é infiel, *Cartas da India e da China,* toda a gente já perceberá, o outro porque vivia da penna, e este por ter obrigação de ir a essas terras na sua qualidade de commandante de navio; sim, não se lhe póde levar a mal que, uma vez por lá, se entretivesse a fazer o retrato dos chinezes, descrevendo seus costumes, leis e genio, nas cartas que escrevia a sua mulher, como usa para a familia qualquer que por seu officio seja levado a andar longe dos seus, só com a differença de o não fazer em tão guindado estylo como elle, que logo á saida de Lisboa achava

nos bicos da penna finezas d'estas: «Muito custa deixar a patria, ó virtuosa Maria, quando para sair d'ella é preciso entrar nos dominios de Neptuno, e deixar de ver-te!» Mas deixemo-nos de historias...

— Ih! Cuidado! O bote vae a metter a quilha na agua..

— Não ha novidade! dizia o homem do leme.

— Então posso continuar? perguntava Raphael ao padrinho.

— Tomára-me eu em terra!

E o noivo, olhando para a noiva, e meigamente:

— Tambem eu!

Depois, n'outro tom para o padrinho:

— Mas, como eu dizia, deixemo-nos de historias, nada d'isso é tão digno de estimação como passar as aguas, separar-se da cidade, da Lisboa querida, nossa patria e nosso enlevo, e ir de viagem casar a Almada! E' ou não é?

— E Jesus, que mar!

— Deixe lá o mar, e responda: é, ou não é?

— Estamos em Belem! disseram os barqueiros.

— A noiva levantou então a sua gentil fronte, e disse a seu marido:

— Olha, Raphael, lá está Alcolena!...

A quadra que se seguiu a essa foi, ao que parece, e pelo que elle dizia, o tempo mais feliz, talvez o unico feliz, da sua vida.

Essa felicidade não o levou, ainda assim, a não querer trabalhar; pelo contrario, elle creou amor ao trabalho como que ao crear amor á vida, e teve por certo então as unicas venturas sinceras e nobres que são dadas ao homem, trabalhar e amar.

Dedicou-se muito á aguarella, por essa época, e principiou a fazer estudo mais serio do desenho. Este foi sempre o ponto duvidoso para a opinião a respeito do seu merecimento. Correu um dia o boato de que elle era fraco em desenho, e não se fazendo nunca reparo d'isso a outros que nem desenho nem talento tinham, fizeram-o pagar amargamente a elle o que tinha em talento pelo que podesse faltar-lhe um pouco em desenho. A insistencia e obstinação d'esses boatos deriva quasi sempre da vontade de inventar pretexto para rebaixar os creditos e abalar a estimação em que um homem de aptidão principia a ser tido. A inveja é talvez o unico sentimento engenhoso dos portuguezes: frouxos de imaginação para tudo mais, são n'esse ramo da sagacidade humana, vivos, espertos, e intrepidos.

Agradaram muito as aguarellas. Eram estudos fieis do natural. Algumas, que expoz na sociedade protectora de Bellas Artes, obtiveram uma menção honrosa. Foi em 1867, ou 1868.

Tempo depois, estando em Pedroiços, em casa de uma familia da sua amisade, e animado talvez pelo incitamento affectuoso e intelligente que alli lhe davam, uma senhora principalmente que o conhecia de pequeno, que lhe queria com a dupla estima da amisade e da admiração, sentimentos tanto mais valiosos que é ella propria dotada de superior talento, talento nativo, delicado e profundo, compoz, para se entreter, a collecção conhecida pelo titulo de *Calcanhar de Achiles.*

Começaram essas caricaturas a andar por ahi de mão em mão, e tornaram-se moda, graças a Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, que as annunciou, recommendando-as vivamente.

Algumas pessoas por essa occasião principiaram a dar-se ares de estar ao facto de que lá por fóra não se dá maior attenção nem aos caricaturistas nem ás suas obras; e d'ahi se robusteciam de entono para considerarem, ou affectarem considerar, de pouca importancia o merecimento d'este artista. Estavam enganados n'isso; esse genero de trabalhos tem merecido muitas vezes a honra de estudos serios na imprensa, e de obras valiosas que lhe consagraram escriptores importantes: *Historia da caricatura e do grotesco,* por Thomaz Wrigbt — *A caricatura moderna,* por Champfleury — *Goya, sua vida e obras,* por Iriarte—e duzias de trabalhos a respeito de Hogart; e centos de artigos tratando de

Bunbuty Gillray, de Doyle, de Cruiskshand, de Henry Monnier, de Daumier, etc. Na historia da arte a caricatura não póde deixar de ter o seu logar; pertencem de algum modo as manifestações d'ella á pintura, á litteratura e á historia.

Ao darem-se os episodios de 19 de maio, irritado com aquelle successo, fez a primeira estampa da *Berlinda*, que se vendeu muito, que se vendeu immenso, mas de que elle não tirou um vintem; o por quê, não o sei: mas em todas as emprezas em que se metteu, de todas as tentativas a que se arriscou, Raphael até n'isso artista não teve nunca a fortuna de ganhar. Sete estampas sahiram d'essa *Berlinda*, um primor.

Por serem seus sonhos ter um jornal de caricaturas, encetou, sem consultar ninguem, sem administração, sem dinheiro, a publicação do *Binoculo*, que foi o primeiro jornal que se vendeu dentro dos theatros. Custava um pataco. Agradava, parecia agradar, o publico achava pouco meia folha, elle augmentou-o no terceiro numero a quatro paginas, duas impressas e uma com a caricatura; achavam ainda pouco, fez tres paginas impressas, e uma com desenho: foi o ultimo; augmentava o formato, mas nem augmentava a venda nem os lucros. Perdeu; perdeu muito; ainda ultimamente estava pagando esse devaneio á rasão de um tanto por mez.

N'um dia, desgostoso e triste, abandonou a caricatura e principiou a estudar um quadro; quadro

admiravel, de talento, de naturalidade, de composição, em que brilham juntas a verdade e a graça; era o *Casamento d'aldeia*. Thomaz de Carvalho fallou d'esse quadro a Casal Ribeiro, que o comprou por quarenta e cinco mil réis. Raphael Bordallo gastára com elle sessenta. O *Casamento d'aldeia* esteve exposto em Madrid e obteve um premio.

Abriu então Mattos Moreira a sua casa de editor e livreiro, no Rocio, e convidou-o a trabalhar para ali. Foram d'elle as primeiras *illustrações* originaes em gravura. Porque não o direi? o desenvolvimento da gravura em madeira entre nós deve muito a este moço, foi elle que conseguiu que se gravasse sobre claro escuro, coisa que toda a gente por ahi negava que se podesse fazer. Trabalhou muito para a *Illustracion de Madrid*, para a *Illustracion Española e Americana*, e para o *Mundo Comico*. Tratou com os principaes gravadores, e conseguiu que Severini viesse para Lisboa; fez ensaios da gravura em zinco, trabalhando no laboratorio da Escola Polytechnica, e estudou o meio de fazer *aguas-fortes* com meia tinta.

Annunciação inculcou-o para fazer a correspondencia da *Illustrated London News*, e elle partiu, de entre os choros da familia, para os carlistas, em companhia do proprietario d'essa folha, Ingram. Fez a viagem toda da Andaluzia e parte do norte, ganhou muito dinheiro e ficou com a correspondencia. O almanach da *Illustrated London News* publicou aguarellas d'elle. Conviveu com os principaes correspondentes dos jornaes estrangeiros; voltou, — e, como diz o povo, continuou na mesma.

Por algum tempo um jornal que andou em grande voga, entreteve-o, alegrou-o, deu-lhe alma: foi a *Lanterna Magica.*

Os trabalhos de Raphael Bordallo que, pelo maior numero, pertenciam á satyra, tambem muitas vezes pertenciam á arte. Ha no seu talento os segredos da vocação de pintor e de humorista. Consultando a *Lanterna* póde ver-se a extrema facilidade de observação que o distingue n'aquelles trabalhos, que são documentos preciosos e engraçadissimos do sentir e viver d'esta epocha. Tem as condições do genero; improvisa rapidamente, apanha os ridiculos, sabe ser turbulento, caprichoso, cassoista, cruel uma vez ou outra, quasi sempre risonho, quasi sempre bom até nas maldades.

A *Lanterna Magica* fez furor. De todos os jornaes humoristicos, satyricos, e mais ou menos innocentemente e alegremente aggressivos, o que primou em chiste, em critica, em graça litteraria, foi a *Lanterna Magica.* A redacção era bem composta: quasi todos os artigos eram de Luiz de Andrade, de Guilherme de Azevedo; de vez em quando appareciam versos de Guerra Junqueiro. Uns semsaborões, que nunca escacêam, gente incapaz de ter uma idéa, senão até de perceber alguma, diziam desdenhosamente que a parte escripta do jornal valia pouco. Isto não era assim. Bordallo Pinheiro foi da maior utilidade á *Lanterna Magica,* mas o jornal tinha artigos graciosos. Não seria uma alegria de espantar o mundo, não teria ares de ser escripto por individuos de tão jucundo humor que os compozessem

estando ao mesmo tempo a dançar na corda e a fazer habilidades pasmosas, como a de comerem a cabeça e depois cuspirem-a por *troça*, mas era um jornal que se lia com prazer e tinha a prenda rara de ser escripto com talento, com espirito, e com um sentimento de respeito e amor ás lettras.

Ahi brilhou em todo o seu fulgor a rara espontaneidade do talento de Raphael Bordallo.

Era espantosa a facilidade com que elle trabalhava. Quando emprehendemos o livro dos *Theatros de Lisboa* tive occasião de avaliar de perto até onde ia a sua fecundidade, que é a grande revelação de um talento superior. De vez em quando, no principio da noite, eu apparecia na Livraria de Mattos Moreira e gritava da porta:

— Lindo homem?

Se elle estava, ouviamol-o logo rir, e vinha ao meu encontro:

— Anda para cá! dizia-me.

— Não quero. Vamos trabalhar.

— Hoje não; hoje demoremo-nos aqui; isto hoje está bom; anda cá para dentro!

— Vamos planear uma coisa; vem d'ahi!

Logo que ouvia fallar em planear, mettia-me o braço, e largava tudo.

Iamos para casa. Trabalhavamos, interrompendo-nos de vez em quando para irmos á janella vêr

a noite e scismar. Quando nos tiravamos da janella, elle recolhia com quatro planos. Durante um tempo a sua preoccupação era que deviamos ir ambos para o Brazil. Chegou a pedir-me isso como um favor de irmão para irmão, com uma insistencia obstinada, a que nem me deixava responder. Estimei-o sempre muito, e chegava a custar-me ter de dizer-lhe que não. Mas os nossos caracteres semelhantes n'alguns pontos, divergiam essencialmente n'outros. Elle tinha ambição, e eu não; elle despeitava-se com o mundo, e eu não penso n'elle; elle não podia trabalhar em não lhe correndo as coisas bem, e eu trabalho sempre haja o que houver; elle abatia-se com os revezes e com os desdens, a mim os desdens e os revezes deram-me sempre maior força de vontade e um gosto de orgulho ao sentir-me só.

O espirito de Raphael Bordallo era muito observador, e entretanto elle descuidava-se um pouco de o educar; isto é, não observava senão quando se propunha a isso e poucas vezes se propunha a isso. Adoptára uma maneira de viver sem vantagens para a sua profissão: tinha grupo, via sempre a mesma gente, fallava e dava-se sempre com os mesmos homens.

O espirito de observação desenvolve-se visitando alternadamente as diversas camadas sociaes; é necessario ter um pé nas salas, e outro nas caixas de theatro: de uma vez na sociedade, de outra na folia: hoje pintores, ámanhã burguezes: e principalmente, indispensavelmente, mulheres; quantas mais se conhecerem, melhores auspicios para o observador; a observação vem sobretudo d'ellas, por ellas.

Raphael Bordallo tinha pouco conhecimento do mundo, e, por consequencia, pouca malicia. Não ha grande observador n'essas condições. Via os ridiculos muito isoladamente, e, quando tratava de os apontar, individualisava. Era difficil lograr que elle gracejasse sem que o seu lapis indicasse logo no desenho, em vez de uma phisionomia geral, uma dada cara nossa conhecida, que correspondia ao ridiculo apontado, pela circumstancia de ser aquelle homem considerado de ter esses peccadilhos, mas não realisava ás vezes o typo absoluto, o ideal d'essa caricatura. Este systema encaminhava-o a contender com um e outro, sem que ás vezes esse outro ou esse um tivessem sequer a importancia sufficiente para se symbolisar n'elles uma intenção.

Bordallo era estimado e querido aqui, á maneira lisboeta; — que é de tratar muito bem todos,— um homem de talento como um homem sem talento, mas ser mais capaz de se interessar pelo que não tem talento do que pelo que tem talento. Isto póde derivar de qualquer causa, em que não deveremos ficar considerando agora. Ou porque Lisboa é ruim, ou porque é invejosa, ou porque é ambas as coisas, ou porqne não é nenhuma d'ellas, e é só tola.

Seja o que fôr.

O caso é que o homem passava por ser ahi muito querido, e ninguem tratou de o auxiliar quando veiu a occasião d'isso. Pois era até de algum modo uma conveniencia e uma gloria, porque artista

n'aquelle genero Portugal não tem mais nenhum. E não se faz; por ahi ainda não se faz; fazem-se conselheiros, fazem-se deputados, fazem-se d'esta commissão e d'aquella e da outra, fazem-se medalhões, mas não se fazem Raphaeis Bordallos.

Diz o Dante, quando conta as dôres do exilio: Quanto é amargo o pão alheio, e como é duro subir e descer a escada do estrangeiro!

Não está o Brazil n'esse caso para Raphael Bordallo, nem elle o está para o Brazil. Entretanto, não póde deixar de ser um pouco cruel ter de ir pedir tão longe não o pão alheio, mas o pão que faz lembrar, ao ganhal-o, que não soube nem quiz a nossa terra dar-nol-o com a mesma fartura, pelo nosso mesmo trabalho!

Março, 29, 1876.

ALBUM DE CARICATURAS

POR

BORDALLO PINHEIRO (RAPHAEL)

1

PHRASES E ANEXINS DA LINGUA PORTUGUEZA

Fallar com o coração nas mãos.—Deitar os bofes pela bocca fóra.—Foram-se-lhe os olhos.—Tem a barriga pegada ás costas.—Vão-se-lhe os olhos. . . para uma miseria maior.

ALBUM DE CARICATURAS
POR
BORDALLO PINHEIRO (RAPHAEL)

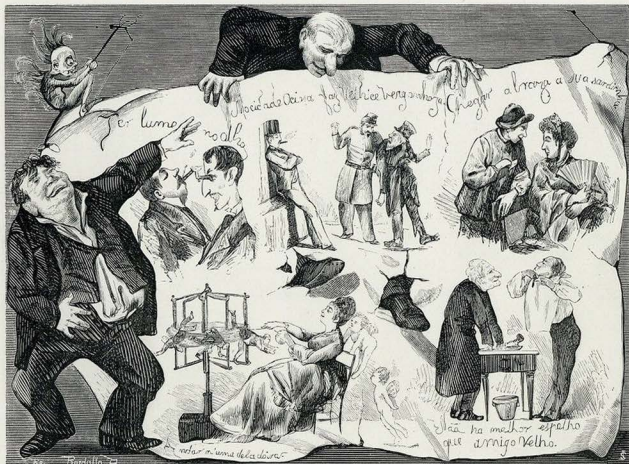
2

PHRASES E ANEXINS DA LINGUA PORTUGUEZA

Entre as dez e as onze.—Andar com a pedra no sapato.—Olhos de lince.—Ver, ouvir e calar.

ALBUM DE CARICATURAS

POR

BORDALLO PINHEIRO (RAPHAEL)

3

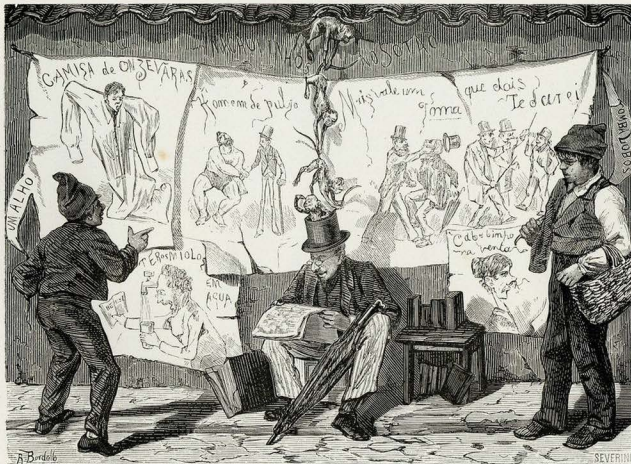
PHRASES E ANEXINS DA LINGUA PORTUGUEZA

Ter lume no olho—Mocidade ociosa faz velhice vergonhosa—Chegar a braza á sua sardinha—Andar n'uma dobadoira—Não ha melhor espelho que amigo velho.

ALBUM DE CARICATURAS

POR

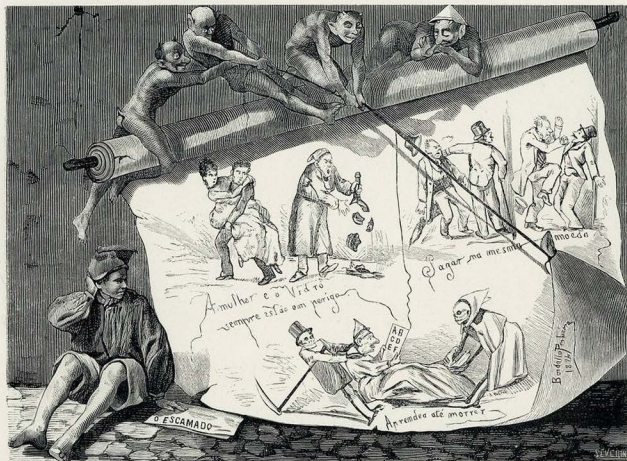
BORDALLO PINHEIRO (RAPHAEL)

4

PHRASES E ANEXINS DA LINGUA PORTUGUEZA

Macaquinhos no sotão.—Um alho.—Camisa de onze varas.—Homem de pulso.—Mais vale um toma, que dois te darei.—Tomba-lobos.—Ter os miolos em agua.—Cabelinho na venta.

ALBUM DE CARICATURAS

POR

BORDALLO PINHEIRO (RAPHAEL)

PHRASES E ANEXINS DA LINGUA PORTUGUEZA

A mulher e o vidro sempre estão em perigo.—Pagar na mesma moeda.—Aprender até morrer.

ALBUM DE CARICATURAS

POR

BORDALLO PINHEIRO (RAPHAEL)

6

PHRASES E ANEXINS DA LINGUA PORTUGUEZA

Em caza de gonçalo governa mais a galinha do que o galo.—Fazer das tripas coração.

ALBUM DE CARICATURAS

POR

BORDALLO PINHEIRO (RAPHAEL)

7

PHRASES E ANEXINS DA LINGUA PORTUGUEZA

Largar uma piada.—Dois pobres a uma porta.—Dá Deus nozes a quem não tem dentes.—A mulher de bom recato enche a casa até ao telhado.

ALBUM DE CARICATURAS

POR

BORDALLO PINHEIRO (RAPHAEL)

8

PHRASES E ANEXINS DA LINGUA PORTUGUEZA

Toma para o teu tabaco.— O diabo não é tão feio como o pintam.— Máo é o rico avarento mas peor é o pobre soberbo.— Todo o homem põe a mão no chão de quando em quando.

ALBUM DE CARICATURAS

POR

BORDALLO PINHEIRO (RAPHAEL)

9

PHRASES E ANEXINS DA LINGUA PORTUGUEZA

Gato escaldado d'agua fria tem medo.—Andar prezo pelo beiço.—Quem muito dorme no seu com o alheio perde.

ALBUM DE CARICATURAS

POR

BORDALLO PINHEIRO (RAPHAEL)

10

PHRASES E ANEXINS DA LINGUA PORTUGUEZA

Unhas de fome.—O habito nao faz o monge.—Com teu amo não jogues as peras.

ALBUM DE CARICATURAS

POR

BORDALLO PINHEIRO (RAPHAEL)

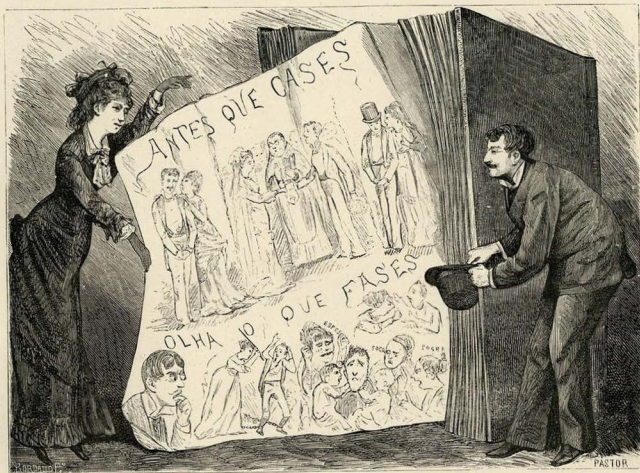
11

PHRASES E ANEXINS DA LINGUA PORTUGUEZA

A ociosidade é a mãe de todos os vicios.

ALBUM DE CARICATURAS

POR

BORDALLO PINHEIRO (RAPHAEL)

12 PHRASES E ANEXINS DA LINGUA PORTUGUEZA

Antes que cases olha o que fazes.

ALBUM DE CARICATURAS

POR

BORDALLO PINHEIRO (RAPHAEL)

PHRASES E ANEXINS DA LINGUA PORTUGUEZA

13 Quem o alheio veste na praça o despe.